

# Ofaié

Outros nomes - Ofaié-Xavante

Onde estão - MS

Quantos são - 60 (Funasa, 2010)

Família linguística - Ofayé.

## Introdução

Até o início do século XX, os Ofaié eram milhares e habitavam a margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaria e Ivinhema. Sempre em pequenos grupos, viviam em constantes deslocamentos ao longo dessa região. Seu território foi ocupado por fazendas de pecuária e apenas na década de 1990, quando só restavam algumas dezenas de sobreviventes, conseguiram recuperar uma pequena porção de suas terras, as quais até hoje não foram homologadas pela presidência da República.

## Aspectos culturais

Antigamente Ofaié viviam da caça, pesca e coleta de frutas e mel. Construíam seus acampamentos à beira dos rios, ocupando uma grande área, que ia do rio Sucuriú até as nascentes dos rios Vacaria e Ivinhema, no atual estado do Mato Grosso do Sul.

Sempre marcou em pequenos grupos, o que facilitava os deslocamentos. Suas casas eram construídas com troncos de árvores e cobertas com folhas de palmeira ou sapé. Não havia parede, mas o telhado quase chegava ao chão. Configurando um círculo, as casas formavam no centro da aldeia um pátio, onde ocorriam os rituais.

Na época do frio, dormiam em buracos cavados no chão, forrados de capim e envoltos em peles de animais. No centro da casa também acendiam uma fogueira.

Durante a seca, os rios ficavam com pouca água, o que facilitava a pesca. Nesse período, os Ofaié mudava-se para a beira dos rios. Com a fartura de peixe, eles realizavam grandes festas.

Com a chegada da chuva, aparecem os frutos e os animais atraídos por eles. Era, portanto a época das caçadas. Nessa ocasião também se colhia o mel. Como ficavam fora da aldeia por vários dias, eles construíam abrigos provisórios para passar a noite.

Hoje essa atividade é apenas uma lembrança para os mais antigos, pois as longas distâncias que antes percorriam, e os rios fartos de peixe que frequentavam - rios: Verde, Paraná, Taquaruçú, Boa Esperança, Ivinhema, Samambaia, entre tantos -, hoje correspondem a propriedades privadas. Hoje a atividade se resume na coleta do mel, ainda disponível em colmeias criadas pelos próprios indígenas em feições modernas, com acompanhamento técnico do órgão governamental e de alunos de Universidades que de quando em vez visitam a aldeia e desenvolvem algum projeto experimental.

O trabalho na aldeia é repartido entre os homens e as mulheres. Entre os homens, os jovens se encarregavam da caça e os demais cortavam e traziam a lenha do mato, faziam as casas, os arcos e as flechas. As mulheres, mesmo as meninas, realizam os trabalhos caseiros, colhem frutos e mel. Também preparavam as fibras para as cordas dos arcos. Outra atividade feminina é a preparação do cauim, que é uma bebida feita com milho fermentado e muito utilizada nas festas.

Em relação à música, seus instrumentos preferidos eram: a flauta e um pequeno chocalho. O canto era formado por um coro de várias vozes, em rituais que incluíam danças e consumo de cauim. Nos dias atuais, os Ofaié não dedicam mais o seu tempo à música. As constantes mudanças

de lugar a que foram forçados a praticar, certamente, não lhes deu alternativa nem motivos para comemorar. Uma gravação recolhida em 1981, junto a um grupo de 23 indígenas Ofaié que se encontrava na região do Tarumã (pertencente ao município de Porto Murtinho, na região oeste do Estado) pelo historiador Antônio Jacob Brand, confirma essa hipótese. O canto configura-se, sem dúvida, uma raridade: em tom de lamento, o canto traduz e externa o que pode ser chamado de perdas e o sentimento de dor vivido por um diminuto grupo vivendo distante de seu antigo território (DUTRA, 1996: 50-59).

Uma gravação desse canto foi utilizada na abertura da entrevista "O último canto dos Ofaié", realizada pela jornalista Patrícia Moribe e incluído no Compact Disk duplo Pantanal e Amazônia, produzido pela Rádio Nederland, Holanda, em 2003. Também faz parte da abertura e encerramento do vídeo experimental Ofaié, dirigido por Udovaldo Lacava e Geraldo Anhaia Mello, para a Companhia Energética de São Paulo (CESP), em 1992.

A religião sempre se manifestou na reverência a um ser criador. O "Paí", uma espécie de sacerdote, é mencionado por alguns autores, como Nimuendajú entre os Ofaié. A experiência pessoal do pesquisador Carlos Alberto Dutra há 18 anos junto aos Ofaié revela que eles demonstram reverenciar algumas vezes (raramente na presença de estranhos), o "Agachô" (Deus criador). Este pesquisador também presenciou, após o falecimento de uma indígena, deitar fogo sobre sua antiga casa e queimarem todos os seus pertences.

## **Mitologia**

Um dos mitos Ofaié refere-se ao povoamento do mundo. Há muito tempo o Sol andava sempre de intriga com sua irmã gêmea, a Lua. Tudo era gente naquele tempo. O Sol sabia tudo. Ele era o chefe dos homens, mas era ruim. A Lua, ao contrário, era aliada dos homens contra o Sol.

Nesse tempo, não havia caça nenhuma. Os homens corriam pelo mato e não encontravam nada. Estava tudo bem ruim para eles. Por isso queriam matar o Sol. Chegaram ao mato seco, rodearam o Sol e tocaram fogo no mato. Mas o Sol fez uma lagoa aparecer ao seu lado e mergulhou na água. Saiu rápido e entrou na aldeia antes dos homens, que ficaram bravos quando retornaram e o viram.

Ele queria que os homens virassem bichos, mas a Lua não deixava. Certa vez, o Sol chamou os homens e disse que o mato estava cheio de frutas boas. Eles estavam famintos e lá se foram. Acharam uma jabuticabeira e nela subiram para apanhar as frutas. O Sol, que estava no chão, pegou um pedaço de pau e começou a balançar a árvore, fazendo uma ventania. Os homens pegaram uma corda e se amarraram nos galhos da árvore para não caírem. Então o Sol fez com que cada homem virasse um bicho.

O que virou anta era muito pesado, caiu e saiu correndo. Outros que caíam foram virando quati, cotia... Os que não despencaram viraram macacos e, para não cair, pularam nas outras árvores. O último virou bugio. Ele começou a puxar os paus do mato e os fizeram crescer. Apareceram então as perobas e os altos cedros. Com os paus, o bugio trançou a copa das árvores, fechando o mato.

Passado algum tempo, o Sol chamou os homens para caçar outra vez e disse: "meus filhos, agora vocês podem caçar". Os homens estavam com medo, pois o mato tinha crescido demais. Mas tinha muito caça, bandos de macacos... O Sol atraía o macaco, que chegava perto e então o Sol o flechava para ensinar os homens a caçar.

## **A origem do mel**

No começo do mundo o lobo guará era o dono do mel. Todos os dias seus filhotes amanheciam com o peito lambuzado de mel. Apenas ele e seus filhotes conheciam o mel e ninguém mais podia provar.

Todos os animais iam pedir mel para o lobo, mas ele não dava. Quando as crianças pediam mel, o guará dava a fruta do araticum do campo, dizendo que era mel.

Um dia o jaboti disse que ia conseguir trazer o mel para todos. Foi até a toca do guará e disse: "Eu vim buscar o mel que você tem". O guará respondeu: "Não tenho mel nenhum. Onde é que você ouvir falar isso?". Mas o jaboti insistiu e o guará lhe disse: "Tá bom". Então deita debaixo dessa porunga e chupa o mel dela.

Quando o guará viu o jaboti deitado, pediu aos filhotes que trouxessem lenha. "Agora vamos comer esse bichinho assado." Tocaram fogo e o jaboti continuou chupando mel, sem ligar para o fogo. Depois o jaboti disse: "Agora que já provei o mel, você tem que dar o mel para meus companheiros". O guará saiu correndo e o jaboti foi atrás dele, acompanhado de outros animais dispostos a pegá-lo. O lobo foi parar num capinzal, o preá tocou fogo no capim e o fogo começou a apertar. Um dos bichos disse então: "Ora, não tem lobo nenhum, o que saiu voando foi uma perdiz". Mas o jaboti sabia que era o guará que tinha virado perdiz, e ficou observando onde ela iria pousar.

Chamou os outros animais para irem até o pau em que ela estava, mas tiveram que andar muito tempo até chegar lá. O pau ficava bem na frente da casa das abelhas, onde estava um marimbondo de cupim, que não deixava ninguém se aproximar. Os passarinhos que iam experimentar o mel eram atacados pelos marimbondos. Mas então o beija-flor disse: "Agora o mato está cheio de mel. Podem tirar quanto quiserem".

## **O tatu parente**

Por fim, é interessante ouvir o relato do que se passou com o etnógrafo Curt Nimuendajú: *"O caso se passou comigo entre os Ofaié Chavante. A caminho para o seu acampamento, encontrei um tatu que derrubei com um golpe do verso do facão no focinho do animal, levando-o para bom assado à fogueira do acampamento.*

*Após a euforia inicial dos índios, um deles notou de repente que o tatu tinha uma orelha furada. Consternação geral! O animal era um companheiro de tribo, pois os Ofaié também têm as orelhas furadas. Entrementes, o tatu, que apenas ficara atordoado com o golpe, começou a se mover novamente; e foi deveras comovedor ver como esses caçadores, que jamais consideraram necessário dar golpe de misericórdia numa caça, colocavam o bicho em pé e procuravam fazê-lo fugir.*

*Tiveram, literalmente, que o ajudar a se embrenhar nos protetores arbustos circunvizinhos."*